

ROTEIRO PARA AÏNOUZ, VOL. 2: UM CLAMOR PELA DESCOLONIZAÇÃO BRASILEIRA

Erick Oliveira de Carvalho

Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

RESUMO

Através de uma perspectiva decolonial, analisamos o segundo álbum de estúdio do rapper fortalezense Don L, a fim de demonstrar seu teor antirracista e anticapitalista. Vimos que o álbum, ao recontar a história do Brasil e, ao mesmo tempo comentar sobre o seu presente, e imaginar um futuro novo, exibe características dos conceitos discutidos por autores como Boaventura de Souza Santos (2007), Aníbal Quijano (2005), Foucault (2005; 2017), Ramón Grosfoguel (2016) e Wallace de Moraes (2020), exibindo críticas profundas ao capitalismo moderno e ao necro-racista Estado brasileiro e todos os outros fundados na Modernidade eurocêntrica. O álbum traz para o público geral, discussões antes tidas nas margens, sendo de suma importância para a popularização de saberes alternativos.

PALAVRAS-CHAVE

Don L; descolonização; rap; perspectiva decolonial.

ABSTRACT

Through a decolonial perspective, we analyzed the second studio album of the fortalezense rapper Don L, to demonstrate its anti-racist and anti-capitalist content. We saw that the album, in retelling the history of Brazil and, at the same time, commenting on its present, and imagining a new future, exhibits characteristics of the concepts discussed by authors such as Boaventura de Souza Santos (2007), Aníbal Quijano (2005), Foucault (2005; 2017), Ramón Grosfoguel (2016) and Wallace de Moraes (2020), showing deep criticism of modern capitalism and the necro-racist Brazilian State and all others founded on Eurocentric Modernity. The album brings to the public, discussions previously held on the margins, being of paramount importance for the popularization of alternative knowledge.

KEYWORDS

Don L; decolonization; rap; decolonial perspective.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é analisar “Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2”, segundo álbum de estúdio do rapper brasileiro Don L, lançado em 2021, através de um ponto de vista decolonial e libertário. A análise será feita a partir das letras e temas tratados nas músicas do artista, relacionando-as com conceitos decoloniais e libertários, principalmente o epistemicídio (Santos, 2007), a colonialidade do poder (Quijano, 2005), o poder de soberania (Foucault, 2005; 2017), o racismo/sexismo epistêmico (Grosfoguel, 2016) e a Necrofilia Colonialista Outrocida (De Moraes, 2020), além de outros a serem expostos no decorrer do artigo. Esses conceitos, casados com a perspectiva decolonial libertária, a qual identifica o racismo como principal fundador e organizador da Modernidade e o Estado como defensor e propagador desse ideal, nos auxiliaram na interpretação e crítica, em certos pontos, do álbum de Don L, de modo que este se propõe a trazer ideais revolucionários brasileiros ao *mainstream* através de sua música, colocando em discussão temas políticos de suma importância no cenário histórico do Brasil, ao retomar e recontar a história do país a partir de um olhar profundamente crítico ao eurocentrismo e as consequências deste.

A metodologia adotada se dá através de, primeiramente, uma exposição da história de Don L, à fim de contextualizar de qual perspectiva ele escreve a partir de sua experiência de vida. Por conseguinte, iremos analisar o conceito por trás de RPA2 (como será chamado o álbum daqui em diante), tomando em conta as falas do próprio artista em consideração. Após, faremos uma exposição dos conceitos principais do artigo, fazendo também uma relação destes e usando-os para a interpretação das músicas do álbum. Finalizando, colocaremos nossas conclusões e retomando a tese descrita, levando em conta as relações expostas no decorrer do artigo, mantendo a centralidade na perspectiva decolonial e libertária.

I - A VIDA DE DON L

ANTES DO RAP

Do nome de batismo Gabriel Linhares da Rocha, Don L nasceu no Distrito Federal em 1981, porém, aos quatro anos de idade sua família se mudou para Fortaleza, Ceará, onde viveu até sua vida adulta e onde teve seu primeiro contato com a cena do

rap. Sua vivência no Nordeste foi de fundamental importância para sua formação política, social, econômica e artística.

Logo na adolescência, ele saiu de casa e se envolveu em atividades ilegais, como relatou em seu primeiro álbum de estúdio, “Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 3”, lançado em 2017, porém, o contato com o rap e a comunidade que se criou em volta dele em Fortaleza foi o impulso para Don L mudar seu caminho.

O RAP

Don L reconta seu primeiro encontro com Francisco José Pereira de Lima, conhecido como Preto Zezé, hoje presidente global da CUFA (Central Única das Favelas), como o seu primeiro contato com o movimento do rap e este como um movimento social. Nesse encontro, o Preto Zezé estava carregando um livro do Malcom X, conhecido revolucionário afro-americano antirracista e anticapitalista.

A partir desse encontro, ele começou a se envolver com produção de rap, usando principalmente a técnica de *sample*, como era o padrão da época, porém com um diferencial. Don L e seus companheiros usavam a música brasileira como principal ponto de inspiração para suas músicas, nesse momento, o futuro rapper colecionava vinis de diversos artistas.

Já nos seus vinte anos, Gabriel foi à Suécia com uma ONG de produção musical, fazendo rodas de conversas em escolas públicas e dialogando também com muitos imigrantes no país, passando por várias cidades no decorrer de um mês.

Em 2005, já sob o pseudônimo Don L, ele se juntou ao Nego Gallo para criar o grupo Costa a Costa, mais tarde contando com a entrada de Berg Mendes e DJ Flip Jay. Eles se tornaram famosos no hip hop nordestino por tratarem da vida na periferia em Fortaleza e, em 2007, lançaram a *mixtape* “Dinheiro, Sexo, Drogas e Violência de Costa a Costa”, pelo selo independente DuNego. Apesar de Don L relatar que várias gravadoras ofereceram propostas para assinar com o grupo, estas não foram aceitas, pois o rapper considerou os contratos injustos, por cobrirem apenas as responsabilidades do grupo e não das gravadoras, como clipes e presença nas rádios.⁶

SÃO PAULO

⁶ DON L - Podpah #448. Entrevistado: Don L. Entrevistadores: Igor Cavalari e Thiago Marques. São Paulo: [s.n.], 29 jul. 2022. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/U4cY8K48SOU?feature=share>

Em 2013, Don L se mudou para a capital paulista e lançou sua primeira *mixtape* solo “Caro Vapor – Vida e Veneno de Don L”. Apesar não ter feito sucesso com o público geral, o disco se tornou referência no cenário do hip hop, assim como o próprio Don L se tornou inspiração e foi citado por diversos rappers, dando peso ao verso “E se eu não for seu rapper favorito / Eu provavelmente sou o favorito do seu favorito”⁷.

ROTEIRO PRA AÏNOUZ, VOL. 3

Com esse segundo disco, seu primeiro álbum de estúdio, Don L inicia sua trilogia reversa falando sobre sua jornada como rapper e como pessoa. Lançado em 2017, RPA3 foi o que colocou o artista no mapa para o público geral.

Começando pelo presente, o álbum trata da chegada do artista à São Paulo, através de um personagem que vai para a cidade com ambições de se destacar no cenário da música, porém se torna desiludido pelas oportunidades esgotadas na capital. Contudo, mesmo falando no presente, Don L explica o conceito do álbum, e da trilogia, como uma ressignificação do passado para a construção do futuro, portanto, essa mesclagem temporal se vê no cerne do projeto, explicando o seu contexto e trazendo o que ele espera para o futuro enquanto no presente.

Ele explica que as letras foram pensadas como um roteiro de um filme, um roteiro a ser dirigido pelo, também cearense, Karim Aïnouz, dialogando também com as obras do diretor.

II - O CONCEITO POR TRÁS DE ROTEIRO PRA AÏNOUZ, VOL. 2

O RPA2, sendo a segunda parte da trilogia reversa, acompanha a jornada, o êxodo de Don L de Fortaleza para São Paulo, sendo imaginado como um “álbum de estrada”⁸. Mas, como foi feito também em RPA3, o rapper faz uma mistura temporal, fazendo um contraponto de sua história pessoal com a história do Brasil, no processo, expondo as fundações racistas, colonialistas, capitalistas e violentas do país, ressignificando o seu passado para, no processo, imaginar um futuro novo, um futuro melhor.

⁷ DON L. **Caro Vapor**. São Paulo: Don L, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fXs80Y2LZh4>. Acesso em: 20 jul. 2023.

⁸ DON L - Podpah #448. Entrevistado: Don L. Entrevistadores: Igor Cavalari e Thiago Marques. São Paulo: [s.n.], 29 jul. 2022. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/U4cY8K48SOU?feature=share>

No âmago do álbum, está o clamor por uma revolução comunista no Brasil, trazendo nas músicas referências à revoluções passadas que ocorreram no país e no mundo e imaginando uma luta brasileira. As referências vão da própria arte da capa do álbum, na qual se encontram presente AK-47's, arma utilizada pelo exército do Vietnã na resistência contra a invasão estadunidense, até as próprias letras e o vocabulário utilizado nas músicas, trazendo a imagem de Marighella, Lênin e outros.

III - BRASIL: RESSIGNIFICAÇÃO DO PASSADO PARA UMA CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Tendo visto o contexto de vida do qual Don L escreve, assim como o conceito por trás de seu álbum e a história que ele busca contar, podemos agora partir para a interpretação de suas músicas utilizando o quadro teórico exposto na introdução deste artigo.

Para tal, iremos analisar os conceitos principais do artigo através das faixas presentes no álbum.

O GENOCÍDIO/EPITEMICÍDIO RACISTA COLONIAL

Epistemicídio, como definido por Boaventura de Souza Santos (2007), é a destruição de saberes alternativos, fazendo parte do processo de conquista de outros povos. Ramón Grosfoguel (2016), leva esse conceito à um novo passo e fala sobre o racismo/sexismo epistêmico, no qual, através do genocídio e epistemicídio de muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus, hoje conhecida como península ibérica, povos indígenas da América e dos negros africanos, escravizados e trazidos para as Américas, e das mulheres na Europa, os saberes e conhecimentos produzidos por esses grupos são desvalorizados através da colonização do saber.

Os quatro genocídios/epistemicídios são constitutivos das estruturas epistêmicas racistas/sexistas que produziram um privilégio e uma autoridade para a produção de conhecimento do homem ocidental, com a inferiorização dos demais (Grosfoguel, 2016, p. 43).

Juntando os conceitos acima com a ideia do índio como a primeira identidade racial do mundo, a raça surgindo como uma justificativa para a dominação europeia sobre outros povos, como descreveu Aníbal Quijano (2005), temos o processo de colonização, e a contínua colonialidade do poder (Quijano, 2005), como inerentemente racistas.

O genocídio/epistemicídio de povos indígenas e negros no Brasil é fato que foi há muito amenizado ou até esquecido no país, a partir do mito da “democracia racial”, fundada nas ideias do polímata Gilberto Freyre (2003), apesar do mesmo não ter usado tal termo, o qual romantiza a colonização portuguesa do Brasil, conceito também referenciado por Quijano (2005), como uma solução ao problema do estabelecimento de um Estado-Nação moderno segundo os parâmetros eurocêntricos. Em seu álbum, Don L busca recontar a história do país, expondo a violência sofrida pelos povos indígenas e negros, sendo este um tema fundamental do disco, como fica claro em versos como “já fomos quilombos e cidades / Canudos e Palmares, originais e originários [...] como se a questão fosse guerra ou paz / mas sempre foi guerra ou ser devorado [...] é terra banhada a sangue escravizado”⁹, no qual ele faz também a confusão temporal ao aproximar a Guerra de Canudos e o Quilombo dos Palmares, além de versos de outras músicas, quando se fala “na luta pra ninguém silenciar nossa voz”¹⁰ podemos inferir a ideia de revalorizar os saberes de corpos subjugados. O rapper faz alusão também ao que pode ser entendido por colonialidade do poder nos versos “eles que mataram, escravizaram, torturaram na cela / e confinaram na favela (milhões nossos) / depois querem recontar a história e me negar os fatos”¹¹, ao se falar na confinação dos negros às favelas após a abolição da escravidão em seu modelo colonial, o que perpetua o racismo originado no processo de colonização.

Em busca de resgatar o conhecimento dos povos africanos e indígenas, Don L faz referência a um retorno ao que era antes da conquista colonial e ao mesmo tempo à disseminação desses saberes nos versos: “suas terras são floresta de novo / suas mansões, escolas”¹² e “a nossa terra fértil foi vencendo o concreto / o nosso reflorestamento erguendo-se em fé [...] as tecnologias ancestrais nós temos”¹³, além de trazer a imagem de Xangô, Orixá filho de Yemanjá e celebrado pela umbanda e

⁹ DON L; MATEUS FAZENO ROCK. **vila rica**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹⁰ DON L; RAEL; CIDREIRA, GIOVANI. **primavera**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bs5B5VLhqlk>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹¹ DON L; FABRICCIO. **pela boca**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfkcyHvOZCo>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹² DON L; FABRICCIO. **pela boca**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfkcyHvOZCo>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹³ DON L; RAEL; CIDREIRA, GIOVANI. **primavera**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bs5B5VLhqlk>. Acesso em: 20 jul. 2023.

candomblé, considerado o senhor da justiça, no refrão: “Pânico de nada / eles sangram como / eu sangro / pânico de nada / vai ser como quiser Xangô”.¹⁴

O CAPITALISMO E A COLONIZAÇÃO

Capitalismo, ou melhor, o anticapitalismo é, declaradamente, o tema central da obra de Don L, seguindo a interpretação decolonial exposta por Quijano (2005) sobre o capitalismo, é possível fazer paralelos diretos com as músicas presentes no álbum.

Segundo o autor peruano, o capitalismo como sistema de relações de produção é algo que só foi possível devido à emergência da América. Ele traça uma linha da criação de identidades raciais como meio de dominação colonial; o estabelecimento do capitalismo mundial a partir da exploração e do controle do trabalho, de seus recursos e produtos em prol do mercado mundial; a articulação de uma sistemática divisão racial do trabalho e sua distribuição racista; O estabelecimento da identidade geocultural da Europa Ocidental como sede central do controle do mercado mundial; A hegemonia europeia não só sobre o controle do trabalho, mas também sobre todas as formas de controle da subjetividade, da cultura e do conhecimento e a produção dele.

A atribuição do capitalismo como um produto do colonialismo foi feita também por Frantz Fanon, em sua obra, “Os Condenados da Terra”.

O capitalismo, em seu período de desenvolvimento, via nas colônias uma fonte de matérias-primas que, manufaturadas, podiam espalhar-se no mercado europeu. Depois de uma fase de acumulação do capital, impõe-se hoje modificar a concepção da rentabilidade de um negócio. As colônias converteram-se num mercado. A população colonial é uma clientela que compra (Fanon, 1968, p. 49).

Por esta lente, podemos identificar essas mesmas associações na maior parte das faixas presentes em RPA2, fazendo também uma crítica profunda ao sistema capitalista. Em destaque colocaremos “auri sacra fames”. Don L explica que o título pode ser traduzido, de maneira livre, para “maldita fome do ouro”, a qual levou a cidade de Vila Rica, hoje Ouro Preto, em Minas Gerais e ser a mais populosa da América Latina.¹⁵

Na música, com participação da dupla Tasha e Tracie, fazem, não apenas referências ao período da “febre do ouro”, mas também ao modelo atual de produção

¹⁴ DON L. **pânico de nada**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I1GCdQOY1Vw>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹⁵ DON L | rap, falando: podcast #27. Entrevistado: Don L. Entrevistadores: niLL, Julia Reis e Yan. [S. l.]: [s. n.], 30 nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ehLoifT1gns?feature=share>

capitalista ao mesmo tempo, como pode ser visto nos versos: “a não ser que cê queira morrer defendendo bens / de quem tirou tudo da gente / quem colhe e quem planta é você / mas quem engorda é ele / nós fica sem nada e divide”¹⁶.

Já na primeira faixa após a introdução do álbum, “(interlúdio 1)”, o rapper estabelece a mistura temporal presente pelo resto do disco, “caminha comigo na trilha pra vila rica / a tomar / todo o ouro que eu preciso / saquear engenhos no caminho / matar os soldados do rei gringo”¹⁷ na qual, além de fazer referência a Vila Rica, mencionada anteriormente, que também dá título à faixa, estabelece um duplo sentido na expressão “rei gringo”, a qual se refere à coroa portuguesa, responsável pela violência colonial no país, e também ao imperialismo estadunidense como o novo centro do capitalismo mundial, o próprio Quijano (2005) apontou os Estados Unidos, em conjunto com a Europa, como a burguesia branca dominante eixo da articulação da economia e da sociedade.

O DIREITO SOBERANO DE MATAR E A NECROFILIA COLONIALISTA OUTROCIDA

Foucault (2005; 2017) apresenta reflexões ao redor da imagem do soberano, atribuindo a sua posição àquela que detém o direito, o controle, sobre a vida e morte dos seus súditos, conceito posteriormente cunhado como necropolítica, por Achille Mbembe, “Mbembe defendeu a política como trabalho da morte e a soberania como o direito de matar” (De Moraes, 2020, p. 8). A partir deste conceito, e da biopolítica de Foucault, o professor Wallace de Moraes constrói a ideia da necrofilia colonialista outrocida (NCO), fazendo uma análise dos dois conceitos e os atravessando com o racismo, aplicando-os a realidade brasileira.

De acordo com a NCO, o Estado moderno brasileiro, fundado na ideia de modernidade eurocentrada (Quijano 2005; Grosfoguel 2016), apresenta o anseio, apesar de muitas vezes não declarado, de matar, física e psicologicamente, grupos subalternizados pela colonialidade do poder, do saber, e do ser, “negros, indígenas, pobres, LGBTQIA+, mulheres independentes, revolucionários, rebeldes e ‘bandidos’” (De Moraes, 2020, p. 18), e o faz diretamente através das instituições de violência

¹⁶DON L; TASHA E TRACIE. **auri sacra fames**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IQYjoIQuQ1Q>. Acesso em: 20 jul. 2023.

¹⁷ DON L; MATEUS FAZENO ROCK. **vila rica**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>. Acesso em: 20 jul. 2023.

estatais, polícia principalmente e, indiretamente, através da falta da presença estatal no que diz respeito a saneamento básico, saúde, educação, emprego etc., para as pessoas pertencentes aos grupos apontados.

O exposto acima faz diálogo direto com o álbum de Don L, se tratando de um clamor por revolução, o artista que se considera mais guerrilheiro do que MC¹⁸ traz à tona a violência exercida pelo Estado no decorrer do disco, referenciando vítimas dessa instituição assassina no Brasil e em outras partes do mundo, além da inclusão de sua experiência pessoal. “pro casting / do meu primeiro clipe (Amigos) / dos que permanecem vivos / nem um terço tão em liberdade, pasmem / acima da estatística de encarceramento em massa”¹⁹, aqui o artista evoca o seu passado nas periferias de Fortaleza, com seu grupo Costa a Costa, trazendo uma crítica ao fato de que, seus amigos na época, membros da comunidade, hoje se encontram mortos ou presos, como colocou Wallace de Moraes (2020, p. 23) “Por conseguinte, a discriminação étnica permanece como a maior definidora de classe no mundo inteiro. Esse uso ocorre por duas maneiras: prisão e morte”. “éafricamérica livre, amor e luta / Queen e Slim em Cuba / AssataShakur em New Jersey / TupacAmaru II e Micaela”²⁰ já na próxima faixa, “pânico de nada”, Don L traz a imagem do filme Queen & Slim, no qual um casal preto assassinou um policial racista em legítima defesa, sendo obrigados a fugir para Cuba, onde acreditavam que estariam mais seguros, porém morrendo antes de atravessar a fronteira. Coloca também AssataShakur, ativista do grupo antirracista do grupo pantera-negra nos Estado Unidos, exilada em Cuba e condenada à prisão perpétua nos Estado Unidos. E, por fim nesse trecho, fala de TupacAmaru II e Micaela, casal indígena líder da rebelião anticolonial no Peru²¹, referenciado também por Quijano (2005) como uma tentativa de descolonização do país.

O PASSADO, O FUTURO, O PRESENTE E AS REVOLUÇÕES ANTICOLONIAIS

“a descolonização é sempre um fenômeno violento” (Fanon, 1968, p. 25). No cerne de RPA2, nós temos a ideia de um projeto revolucionário de

¹⁸ Mestre de Cerimônia. Referência à linha da música “a todo vapor” de Don L.

¹⁹ DON L. **a todo vapor**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGzNCNouLTg>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²⁰ DON L. **pânico de nada**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11GCdQOY1Vw>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²¹ Explicação detalhada pelo artista em seu instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CW3gHdCFof3/?img_index=1

descolonização, como pode ser percebido pela referência à TupacAmaru II e Micaela anteriormente mencionada. Ao ressignificar o passado, utilizando-o para pensar um futuro melhor falando do presente, Don L busca uma revolução anticolonial, trazendo a violência como meio ao alcançá-la, como exemplificado por versos como: “eu vejo uma viatura em chamas [...] um irmão de Glock na capota [...] guerrilha urbana, guerra santa / uma delegacia em chamas”²²

Don L também exemplifica em suas músicas outra parte do processo de descolonização.

Sua definição pode, se queremos descrevê-la com exatidão, estar contida na frase bem conhecida: “Os últimos serão os primeiros”. A descolonização é a verificação desta frase. É por isto que, no plano da descrição, toda descolonização é um triunfo (Fanon, 1968, p. 27).

Enaltecendo a imagem daqueles que foram subalternados pela colonialidade, o rapper evoca a ideia descrita acima, como se mostrando mantra “favela venceu”²³.

Fechando seu álbum, Don L coloca a música intitulada “trilha pra uma nova trilha”, na qual, apesar da simplicidade lírica, sintetiza o conceito por trás do projeto, criar um caminho para um país melhor.

CONCLUSÃO

Compreendendo a história de vida do rapper brasileiro Don L, pudemos traçar um paralelo das músicas presentes no seu segundo álbum de estúdio, Roteiro Pra Aïnouz, Vol. 2, e o conceito por trás do álbum com os conceitos de colonialidade, epistemicídio (Santos, 2007), a colonialidade do poder (Quijano, 2005), o poder de soberania (Foucault, 2002), o racismo/sexismo epistêmico (Grosfoguel, 2016) e a Necrofilia Colonialista Outrocida (De Moraes, 2020), demonstrando assim que, por trás da obra há um projeto de base decolonial e de descolonização, em busca de uma sociedade verdadeiramente livre de um Estado necro-racista, fundado no eurocentrismo e reprodutor das violências exercidas pelos estados europeus sobre os corpos negros, indígenas, das mulheres, dos revolucionários, das pessoas LGBTQIA+ e pobres.

É de suma importância destacar também sua relevância nacional como músico, o que significa uma transmissão dessas discussões no âmbito popular, trazendo ao *mainstream* aquilo que há muito só se falava nas margens da sociedade.

²² DON L. **pânico de nada**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=11GCdQOY1Vw>. Acesso em: 20 jul. 2023.

²³ DON L. **favela venceu/cit: rap das armas (mcs junior e leonardo)**. São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rnQO9mMcwk0>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Sintetizando da maneira como o próprio Don L, Gabriel Linhares da Rocha, esse projeto é uma ressignificação do passado, para uma construção do futuro, falando no presente.²⁴

REFERÊNCIAS

De Moraes, Wallace. 2020. As Origens Do Necro-Racista-Estado No Brasil: Crítica Desde Uma Perspectiva Decolonial& Libertária. [S.l.]: *Revista Estudos Libertários*. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/39358>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Don L. 2013. *Caro Vapor*. São Paulo: Don L. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fXs80Y2LZh4>. Acesso em: 20 jul. 2023.

_____. a todo vapor. 2021. *São Paulo: Caro Vapor Vidas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zGzNCNouLTg>. Acesso em: 20 jul. 2023.

_____. 2021. *pânico de nada*. São Paulo: Caro Vapor Vidas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIGCdQOY1Vw>. Acesso em: 20 jul. 2023.

_____. favela venceu/cit: rap das armas (mcsjunior e leonardo). São Paulo: Caro Vapor Vidas, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rnQO9mMcwk0>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Don L e Fabriccio. 2021. *pela boca*. São Paulo: Caro Vapor Vidas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfkcyHvOZCo>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Don L e Mateus Fazeno Rock. 2021. *vila rica*. São Paulo: Caro Vapor Vidas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Don L; Rael e Cidreira, Giovani. 2021. *primavera*. São Paulo: Caro Vapor Vidas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bs5B5VLhqlk>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Don L e Tasha e Tracie. 2021. *auri sacra fames*. São Paulo: Caro Vapor Vidas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IQYjoIQuQ1Q>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Fanon, Frantz; De Melo, José, L. 1968. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Foucault, Michel. 2005. *Em Defesa da Sociedade: Curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.

²⁴ DON L - Podpah #448. Entrevistado: Don L. Entrevistadores: Igor Cavalari e Thiago Marques. São Paulo: [s.n.], 29 jul. 2022. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/U4cY8K48SOU?feature=share>

_____; Machado, Roberto (orgs). 2017. *Microfísica do Poder*, 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freyre, Gilberto. 2003. *Casa-grande & Senzala*, 48. ed. Recife.

Grosfoguel, Ramón. 2016. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 20 jul. 2023.

Quijano, Aníbal. 2005. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

Santos, B. de S. 2007. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo Editorial.